

Glória Inês Gamboa Fajardo*

Espólio e partilha

Plunder and sharing

Resumo

Entrar nos textos bíblicos implica entrar em uma multiplicidade de interpretações, reinterpretações e reflexões e de alguns acontecimentos que vão mostrando as cicatrizes profundas que deixam as guerras e a ânsia de poder, e com elas as consequências que marcaram e seguem marcando não somente o corpo, mas também a consciência de uma vida com dor, que comove as entranhas, provocando a recusa e o repúdio a tudo aquilo que se faz com violência e se justifica ideologicamente para alcançar objetivos econômicos e políticos amparados em expressões religiosas controladoras que vão tecendo a história da organização dos povos que, em seus inícios, passaram da vida nômade à vida sedentária, do politeísmo para o monoteísmo, do rural ao urbano, da troca ao comércio ativo, e assim sucessivamente até constituir-se em uma civilização que foi explicitando uma dinâmica cultural com suas posturas democráticas coletivas, humanizadas desde a liberdade, a autonomia, o direito e o bom juízo que fazem possível a justiça social e a paz. Nem sempre uma cultura possui comportamentos civilizados, se olha-se desde o horror e o terror da guerra, o despojo, o saque, e tudo aquilo que constitui o espólio e sua partilha.

Palavras-chave: Guerra; Poder; Espólio; Partilha.

Abstract

Talking about biblical writings means to enter in multiple interpretations, reinterpretations and reflections of some events, which show the deep scars that power hunger and war left behind. The consequences that marked not just a body, but a conscience, an entire life in pain, and causing a complete rejection and despise to every violent act that justifies its ideologies to reach personal, politic and economic objectives, supporting their premises in controlling religious expression that build together history around town organizations in its beginnings, that went from a

* Biblista popular do Centro Bíblico Claret de Cali e da CEDEBI. Licenciada em Ciências da Educação, com especialização em bioquímica, pela Universidade Santiago de Cali; especialista em estudos bíblicos pela Uniclaretiana; docente tutora da Uniclaretiana e Unicatólica. Gloriagamboaf@yahoo.es

nomad type of life to a sedentary one, from the polytheism to monotheism, from rural to urban life, from trade to active commerce, and so on to be a constituted civilization that shows a cultural dynamic, due to its democratic postures, very humanized from a freedom point of view, the autonomy, right of good judgment to give social justice and peace. But not always a culture has civilized behaviors, if you see it from the horror and fear of war, the pillage, dispossession and all things that represent a value to be cut in.

Keywords: War; Power; Booty; Profit.

Desde a outra margem

Os acontecimentos que se vivem hoje a nível mundial e local levam novamente a repensar a vida no quadro da economia global que origina choques e contradições antiéticas, que vão deixando vencedores, ganâncias para repartir entre pequenos grupos de poder. E para as vítimas? Quando será possível a justiça restauradora? Nesse sentimento, proponho-me a entrar no capítulo 31 do livro de Números, tendo em vista que nos textos bíblicos descobrimos interpretações que refletem diversos tipos de literatura, de vários enfoques, cujos autores conseguiram manter uma unidade teológica, mais do que uma ordem cronológica de acontecimentos que foram a gênese da tradição oral, cujas fontes são distintas e de características muito particulares para as origens do povo de Israel, que passaram por releituras até chegar a ser um produto de tradição escrita.

Colocar em vista o livro de Números é reconhecer a força ideológica do Segundo Templo, com as reformas de Esdras e Neemias, que foram influenciados pelos projetos dos sadoquitas, onde os interesses estavam amparados pela interpretação dos escritos sacerdotais mais antigos, até acreditarem no direito de controlar todas as complexas situações que trazia o pós-exílio, desde a ordem econômica até o âmbito político, religioso, social e cultural, tudo dentro do âmbito imperial do estilo persa que permeava naquele momento. Nesse contexto, encontramos imagens opostas de Deus. Gonzalo de la Torre em seu artigo “El símbolo, camino de comprensión del mundo bíblico” (O símbolo, caminho de compreensão do mundo bíblico) sustenta que:

Em todo este complexo processo de história e cultura, chega um momento em que o mesmo ser humano se dá conta de que é ele mesmo quem reveste a Deus de alguns atributos que, embora a divindade não tenha reivindicado diretamente para si, ele acredita conveniente atribuí-los, Já que correspondem aos valores éticos, históricos e culturais que ele tem descoberto, debaixo da guia interior da mesma divindade.

Aqui se cumpre perfeitamente o axioma de que Deus existe mas o ser humano o reveste (DE LA TORRE, 2004, p. 18).

Nessas relações de poder se dão as maiores opressões, discriminações e exclusões em nome de Deus, que matam o espírito de diálogo, acordo, perdão e restituição, pois se antepõem aos interesses de possuir o espólio de uma grande riqueza que apenas representa o mínimo para que um povo se organize e viva com dignidade, sem ter que passar por marcadas políticas de horror que vão deixando miséria, dor e destruição, não somente na espécie, mas também na essência do ser humano, em seu corpo e em seu gênero.

Não é fácil entender uma cultura, porque nela existem incontáveis comportamentos que marcam o desenvolvimento histórico de uma civilização, cuja atividade e conduta objetivam distinguir coletivos humanos que vão aperfeiçoando algumas habilidades, algumas crenças e alguns conhecimentos que se herdaram de geração em geração e que, finalmente, fazem possível uma organização social, econômica, política e religiosa que tem explícito o exercício do poder em torno ao que se possui e ao que se consegue a partir das guerras, do despojo, do que se rouba e o que se considera o grande espólio a se repartir entre os donos do poder. Como ler esses textos bíblicos desde a perspectiva da justiça para todos e todas, sem importar raça, credo, lugar de origem ou cultura?

Fazer o exercício crítico de Números 31,1-54, especialmente naquilo que se considera o espólio e a sua partilha, nos leva a descobrir que não somente se repartem coisas, mas também animais como bois, asnos, ovelhas ou qualquer classe de bestas. Porém, não deixa de surpreender que não se deve tocar a dignidade das pessoas, tomando-as em qualidade de prisioneiros e prisioneiras, sem que essa decisão seja avaliada por quem tem o poder de matar ou de perdoar a vida das crianças, das mulheres e dos homens, a quem se tem invalidado o direito de pensar, a expressar-se e a comportar-se de forma diferente neste mundo fechado que se constrói desde o poder, onde não lhes deixa sentir como únicos e exclusivos de Yahweh. Nesse contexto, não se dá a oportunidade para resolver as diferenças de outra maneira que não seja com sangue derramado nas guerras e dentro de um quadro muito patriarcal. Por isso, são especialmente as mulheres as que devem suportar o rigor da guerra, a dor, o silêncio e a impotência que têm sofrido todas essas vidas imoladas dos povos de ontem e de hoje, que seguem falando ao mundo inteiro para que alcancem a entender

o importante e significativo, que é aprender a construir uma história que está permeada de paz, que una e que não divida, que conviva sem ódios, nem rancores, nem revanches, nem vinganças, porque tudo isso destrói a vida. É urgente e prioritário implementar ações para uma justiça restauradora que permita verificar a reconciliação e a cura interior daquela psique tão maltratada, que forneça um perdão sincero e não aparente, que torne possível dignificar e restaurar o ser humano dentro de uma realidade que almeje a paz.

Quero destacar o trabalho de investigação pontual que vem fazendo Carmiña Navia, em torno da voz reflexiva das mulheres colombianas e aos atos de guerra vividos nestes 50 anos de conflito (NAVIA, 2003, p. 145):

Se trata de um tipo de escritura que assume a verdade como parcial, como uma verdade que pode permanecer oculta aos olhos que não estão acostumados a descobrir. São discursos que querem reparar em descobrir...o detalhe, a sombra, as nuances. De alguma maneira, são textos e palavras que remexem em atores e atrizes, para perseguir e encontrar o que normalmente se silencia, o que muitas vezes não se vê, o que não alcança a ouvir, o que quer ocultar-se. Seu ponto de partida é uma consciência clara da dialogia social e discursiva, em que há que se compreender em suas múltiplas vozes.

Interessante entender que as mulheres ao longo da história também têm levantado sua voz para romper como um cataclismo o silêncio ante a impunidade e os desaforos daqueles que exercitam o poder com as armas.

Bens móveis

O capítulo 31,21-23 nos permite claramente determinar os bens móveis tomados do povo vencido: ouro, prata, bronze, ferro, estanho e chumbo. Todos esses metais, ao passar pelo fogo podiam ter mudança de estado: de matéria sólida a matéria líquida, mas dado que não perdiam seus atributos, serviam para a fabricação de ferramentas agrícolas, de armas e de outros utensílios, entre eles os enfeites. Entre todos os metais, se elegia um especial para conservá-lo como reserva, e esse era o ouro. Números 31,48-54 chama a atenção que os chefes das tropas oferecem ouro como oferenda especial a Yahweh, além de todos os objetos feitos com esse metal precioso, recebidos por Moisés

e o sacerdote Eleazar. Ficou estabelecido que a reserva econômica se aproximava aos 16.750 siclos.¹

Podemos nos perguntar: através da história, qual tem sido o espólio que se tem apropriado os grupos de poder hierarquizados, que se tem repartido e seguem repartindo? Se olharmos o mundo financeiro (FERNANDES, 1991, p. 197-212), quanto ao continente americano encontramos a seguinte memória:

Em 7 de abril de 1890, a Conferência Internacional Americana, que era parte dos Estados Unidos, recomendou que se estabelecesse uma união monetária internacional; uniformes em peso e lei, que pudesse se usar em todos os países representados nessa conferência; que se reunisse em Washington uma comissão que estudasse a quantidade, curso, valor e a relação de metais em que se havia de cunhar a moeda internacional.

Dizia-se que a criação dessa moeda deveria ser de uso forçado para todos os Estados da América. Sendo um sonho fascinante, havia que conhecer quais os interesses que se tinha por detrás desse acordo. “Recomendou a delegação o uso do ouro e da prata para a moeda, com relação fixa” (FERNANDES, 1991, p. 198).

Parece que se mudam as formas, mas não a intenção de possuir e dominar desde esses esplendorosos metais, porque o poder sempre os considerou um ativo, não somente no atual contexto, mas desde antigamente. Existe uma referência ao ouro em Gênesis 2,11-12; ali se sustenta que se sabe onde está e se diz qual é a sua qualidade como o metal “mais fino”. Por que o ouro? Porque esse metal tem também sua história e está unido às entranhas do território, na medida em que o homem consegue descobri-lo em suas propriedades particulares que o fazem muito especial, pelo seu brilho que não se perde, por sua maleabilidade e por sua ductilidade que permitem trabalhá-lo artisticamente com muita facilidade. Dificilmente alguma substância pode prejudicá-lo, sua beleza é incomparável. Os povos mais antigos o assumiram como símbolo de distinção, de riqueza para quem o tivesse. Por isso, o ouro tem sido tão cobiçado. A ciência experimental nos disse que suas propriedades químicas são excepcionais; entre elas, destacamos que não se oxida, portanto, não se corrói e perdura.

O ouro, pois, tem gerado interesses que têm desencadeado grandes conflitos ao longo da história da civilização e da história da salvação.

¹ Medida de peso padrão da cultura fenícia que logo se estabeleceu para os territórios asiáticos.

Detrás dessa linguagem forte que implica a guerra santa, existem interesses de quem pretende assumir o poder absoluto dos povos, criando códigos de santidade, cujas leis desfavorecem a vida não somente do seu próprio povo, mas daqueles que o cercam, que em algum momento foram irmãos e com quem eles eram fraternos. O povo de Israel não foi alheio a essas situações.

Inclusive hoje, o mundo inteiro vive dentro de um modelo capitalista global, onde segue-se escutando vozes de denúncia, como aquela que ressoou em Números 31. Da mesma forma, atualmente se escutam vozes a nível mundial que se levantam contra as políticas do medo, terror, vingança que o espírito do sistema capitalista global calca da consciência de que o melhor espólio, o de maior valor e o mais importante é aquele que se consegue com o ouro, hidrocarbonetos, os agrocombustíveis e outros que geram ganâncias às multinacionais. Nos dias atuais, isso se constitui no grande espólio. Os demais ficam em segundo plano, tornam-se relativo e inclusive não têm qualquer valor.

De vítimas a vitimizadores

Embora as contribuições históricas venham fragmentadas e são produtos de narrações historiográficas, encontramos que o povo de Israel se relacionava com os midianitas. Eram todos descendentes do patriarca Abraão, e nesse caso, de sua relação com sua concubina Quetura (Cf. Gn 25,1). Depois, nas situações difíceis que viveu Moisés no Egito, este seguiu sendo um perseguido político pelo que teve que se refugiar em Midiã (Ex 3,19). Parece que Séfora, sua esposa, era sacerdotisa e por isso consegue livrá-lo da morte, ao realizar o rito de circuncisão de seu filho, uma vez que saíram de Midiã rumo ao Egito. Podemos dizer, pois, que havia boas relações, de muita cordialidade e paz com os midianitas (Ex 4,18), mas a situação mudou e os que antes foram amigos logo se tornaram inimigos, com incontáveis diferenças.

São muitas as situações conflitivas que ainda se devem resolver, mas é bom reconhecer que ao longo do tempo se tem mostrado que o conflito pode ser a base para criar, propor e recriar novos pensamentos próprios; por meio do conflito, pode-se sacudir os povos, não somente Israel, para superar a falta de esperança, pois é precisamente no conflito onde se pode encontrar uma oportunidade para desenvolver um imaginário com identidade própria, que permite construir conjuntamente a paz. De tudo isso nos restam provas fidedignas nas memórias

escritas que têm deixado os povos em seus anais históricos, os quais podemos reler para aprender de suas experiências ante os problemas vivenciados, que nos permitem vivenciar gestos restauradores, mais do que discursos românticos, quer dizer, suscitar menos retórica e optar mais pelo compromisso social, o que fará possível construir um país próspero, equitativo, tolerante, com bons critérios para governar, onde o povo receba benefícios e aproveite as riquezas territoriais para ações coletivas, comunitárias, que apresentem ideais nobres e garantam a celebração da vida como direito que nos presenteia Deus e que devemos fazer respeitar como direito humano essencial.

Os sucessos de ordem mundial nos colocam frente a uma realidade econômica onde se movem fichas ao melhor licitante, seja da Ásia, Europa ou América, sem importar o impacto e as consequências bélicas, que incluem políticas de terror que danem a estabilidade da própria nação e de outras nações. Tudo se coloca em jogo frente aos socioeconômicos; outros devem ser os prejudicados, menos eles. Fazem alianças e pactos que se mantêm na medida em que não se toque o espólio, o que confirma que não existe acordo ideal, pois o real é que, casos como a UE e o Brexit vivem seu paradoxo, já que aqueles países que historicamente foram inimigos, hoje se aliam para frear o impacto das migrações e apoiar a ideia de que o rico deve tomar distância do pobre. Isso confirma que não somente se trata de uma ideologia, mas de economia, que a vida não se constrói sozinho, mas que é o resultado das decisões de cada ser humano, cujas raízes devem estar amarradas ao bem comum do povo, não aos interesses de uns poucos que se deificam no poder e repartem entre si o que pertence ao povo.

É possível resolver os conflitos quando se dialoga em busca de conciliação entre quem se sinta a fechar um acordo de paz, sem com ele crer que tem uma vitória ou uma derrota. Nesse ponto nevrálgico, é bom sentir-se irmãos e irmãs. Somente assim se pode respeitar as diferenças e valorizar os direitos dos povos.

Referências

BLINKINSOPP, J. **El Pentateuco, Introducción a los cinco primeros libros de la Biblia**, Estella: Verbo Divino, 1999.

DE LA TORRE, G. Camino. **Pensamiento Bíblico**, v. 3, 23, 2004.

FERNÁNDEZ, R. **José Martí, Páginas Escogidas**. La Habana: Ciencias Sociales, 1991.

- FREIRE, P. **Pedagogía del oprimido**. México: Siglo XXI, 1981.
- MARGUERAT, D. B. **Cómo leer los relatos bíblicos**. Santander: Sal Terrae, 2000.
- MYRDAL, G. **La Pobreza de las Naciones**. Barcelona: Ariel, 1974.
- NAVIA, C. **Guerra y paz en Colombia: miradas de mujer**. Cali: Facultad de Humanidades, Universidad del Valle, 2003.
- NOTH, M. **Historia de Israel**. Barcelona: Garriga, 1966.
- SMITH, A. **La Riqueza de las Naciones. Indagación acerca de la naturaleza y las causas de la riqueza**. Madrid: Aguilar, 1961.
- WENHAM, MOTYER, FRANCE, CARSON. **Nuevo Comentario Bíblico**. Canadá: Siglo XXI, Casa Bautista de Publicaciones, 1999.

Traduzido por Rogério de Lima de Moura

***Opressão e resistência
O Servo de Yahweh***

***Oppression and resistance
– The Servant of Yahweh***

Resumo

As forças da opressão estão sempre tentando impor seu poder e usurpar os direitos dos pobres na América Latina, especialmente as conquistas alcançadas nos últimos anos. A elas impõe-se a resistência como forma de não-conformidade. A leitura do primeiro dos cantos do servo do Dêutero-Isaías indica a missão do povo de fazer sair a justiça e libertar os cativos, resistir de maneira diferente da que os opressores instituem para impor o seu domínio.

Palavras-chave: Opressão; Resistência; Conformismo; Dêutero-Isaías; Cantos do servo.

Abstract

The oppression forces are always trying to impose their power and plunder the rights of the poor in Latin America, particularly the achievements in recent years. The resistance is imposed on them as form of non-accordance. The reading of the first of servant songs of Deutero-Isaiah indicates the people's mission of bring forth the justice and liberate the captives, to resist in different way that the oppressors impose their domain.

Keywords: Oppression; Resistance; Conformism; Deutero-Isaiah; Songs of servant.

Introdução

Depois de um período em que governos com tendências populares conquistaram espaço em alguns países da América Latina, as forças conservadoras têm reagido de modo a desfazer as poucas conquistas e restabelecer e ampliar a dominação e exploração dos povos e de suas riquezas. Usam de diversos recursos para usurparem o que é de direito das pessoas, especialmente as pobres, e manter a estrutura de exploração como se isso fosse a ordem natural do mundo.

* Doutor em Ciências da Religião pela UMEP e professor de AT da FATIPI. E-mail: mpbailao@gmail.com

Há de se considerar que houve também erros, pelo menos em alguns casos, daqueles que, estando no poder, esqueceram as causas populares e/ou incidiram na mesma estrutura de dominação que explora o povo.

Nesse embate, surgem novos sulcos sociais pelos quais fluem os córregos da resistência e das lutas pelos direitos humanos. Há a necessidade de preservar e ampliar as conquistas alcançadas até aqui, mas novas questões afloram, ganhando espaço na luta histórica.¹

Lutas e resistências semelhantes a essas também transparecem em textos bíblicos, como no primeiro dos Cantos do Servo, em Isaías 42,1-4. A partir da perspectiva da resistência às forças de dominação, olhamos para esse texto. Iniciamos, contextualizando o que é resistência.

1. Resistência e conformismo

Mas o que é exatamente resistir? Resistir é opor-se contra a busca de harmonia em situações em que a dominação se torna repressora das minorias divergentes ou determinante de uma força exploradora. É buscar, de uma ou de outra forma, limitar o exercício do poder opressor e dos seus efeitos.

O oposto de resistir é conformar-se, resignar-se. É buscar adaptar-se assumindo a identidade do opressor a fim de evitar confrontos com ele e a reação violenta que decorre desse confronto.² A harmonia, nesses casos, visa negar a alteridade, sufocar divergências, calar os explorados pelo sistema dominante, mascarar as injustiças promovidas pelo sistema, impedir transformações no status quo.

A resistência é uma forma de os oprimidos pelo sistema se relacionarem com ele. Essa relação pode se expressar de diversos modos, desde os mais discretos, por exemplo, inconformismo e simples rejeição, passando por mais complexos, entre os quais sabotagem e

¹ A partir de conquistas dos movimentos populares, os campos de lutas sociais se alteraram nas últimas décadas com o surgimento de novas demandas, embora muitas antigas lutas ainda permaneçam na agenda atual. Para uma análise do panorama atual das lutas pelos direitos humanos, no contexto internacional, veja: Paulo-Edgar Almeida RESENDE. *Relações internacionais e narrativa de direitos humanos*. In: VVAA. *Ciências sociais na atualidade: resistência e invenção*. São Paulo, Paulus, 2004.

² As relações de conformidade e resignação em contraste à resistência podem ser consideradas alienantes e contrárias ao reconhecimento da diversidade em suas diversas expressões. Sobre as relações entre dominação, conformismo e resistência, veja: Maria Regina da COSTA. *Repensar a violência: resistir para não cair na conformidade*. In: VVAA. *Ciências sociais na atualidade: resistência e invenção*. São Paulo, Paulus, 2004.

desobediência civil, até os mais violentos, como rebelião e revolução armada, entre outros.³

O primeiro canto do servo, em Isaías 42,1-4, apresenta-nos uma forma de resistência. Passamos ao estudo desse texto.

2. O primeiro canto do servo

O primeiro canto do servo de Yahweh encontra-se em Isaías 42,1-4. Essa perícope é sucedida por outro texto muito ligado a ela, Isaías 42,5-9. Essas duas perícopes estão tão relacionadas que há até quem as considere uma unidade.⁴ Não vamos tão longe, mas é evidente que os versículos 5-9 contêm referências diretas não somente ao primeiro como também ao segundo canto (v. 6) e até mesmo à sua releitura em Isaías 61,1-3 (v. 7). Normalmente, considera-se Isaías 42,5-9 como um texto composto depois do canto original. Tratamos das duas perícopes neste artigo como tendo sido compostas independentemente,⁵ porém totalmente interligadas entre si. Procuramos preservar as particularidades de cada uma, embora agora não seja o nosso objetivo trabalhar aproximações e diferenças entre elas. As duas perícopes tratam do servo de Yahweh e da resistência à opressão.

Analisemos brevemente cada uma delas a partir de uma tradução o mais literal possível. Iniciamos pelo canto original.

2.1. O Canto do Servo – Isaías 42,1-4

¹ Eis meu servo a quem sustento.

Meu escolhido de quem se agrada minha alma.

Dei meu espírito sobre ele.

Justiça às nações fará sair.

³ As formas de resistência podem ser classificadas em diferentes categorias. Acerca de uma visão geral das formas de classificação dos distintos tipos de resistência, veja: Anthea E. PORTIER-YOUNG. *Apocalypse against empire: theologies of resistance in early Judaism*. Grand Rapids, Eerdmans, 2011, p. 3-27.

⁴ Por exemplo: Klaus BALTZER. *Deutero-Isaiah*. Hermeneia. Minneapolis, Fortress Press, 2001; Paul D. HANSON. *Isaiah 40-66*. Interpretation. Louisville, John Knox Press, 1995.

⁵ Essa delimitação é atestada em outros comentários clássicos, por exemplo: Claus WESTERMANN. *Isaiah 40-66*. The Old Testament Library. Philadelphia, Westminster, 1969; R. N. WHYBRAY. *Isaiah 40-66*. The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, Wm. Eerdmans, 1981.

² Não gritará,
Nem falará alto,
Nem se fará ouvir na praça sua voz.

³ Cana esmagada não quebrará,
Pavio que fumega não apagará,
Em verdade fará sair justiça.

⁴ Não desanimará,
Nem quebrará até que ponha na terra justiça,
E sua lei as ilhas esperarão.

Yahweh toma a palavra e apresenta seu servo. Não diz seu nome, como quando anunciou Ciro (Is 45,1), nem dá nenhum detalhe a respeito de sua pessoa, apenas de sua missão e o modo de conduzi-la. A autoridade do servo não está ancorada na sua pessoa, em suas qualidades, mas na escolha de Yahweh e no fato que colocou nele o seu espírito, à semelhança dos antigos líderes tribais e nos reis.

Pouco é dito a respeito de sua missão, mas deixa claro qual ela é: fazer sair (*yatsah*) a justiça (*mishpath*). Essa expressão aparece duas vezes (v. 1 e 3), e a palavra justiça ainda mais uma vez no versículo 4. Só não há uma explicação clara do que é fazer sair a justiça.

A forma de proceder a missão é apresentada de modo mais detalhado, com duas características destacadas. A primeira é mostrada em três frases em paralelo: não gritará, nem falará alto, nem se fará ouvir na praça sua voz (v. 2). A outra característica é apresentada por duas metáforas: cana esmagada não quebrará, e pavio que fumega não apagará.

A missão que não é explicada nessa primeira perícopes passa a ser esclarecida na segunda.

2.2. O detalhamento da missão do servo – Isaías 42,5-9

⁵ Assim diz o Deus Yahweh que
Cria os céus e os estende,
Amassa a terra e o seu fruto,
Dá fôlego ao povo que está sobre ela,
E espírito aos que andam nela.

⁶ Eu Yahweh te chamei em direito,
E segurei em tua mão,
E te guardei,
E te dei para aliança do povo,
Luz das nações.

⁷ Para abrir os olhos aos cegos,
Para fazer sair do calabouço o prisioneiro,
Da prisão os que habitam as trevas.

⁸ Eu sou Yahweh!
Este é meu nome.
E minha glória para outro não darei,
Nem meu louvor para os ídolos.

⁹ Os primeiros eis (que) vêm.
E novas eu anuncio.
Antes de acontecerem faço ouvirdes vós.

Yahweh toma a palavra novamente, desta vez não se dirigindo a uma audiência composta por terceiros, mas remete ao próprio servo. E, de novo, afirma que a autoridade do servo está em si e não no seu escolhido. Nesse caso, porém, a sua autoridade é fundamentada em dois fatos: ele criou o universo e o sustenta, e ele também anunciou no passado os eventos que agora são conhecidos, algo que ninguém mais fez. Por isso, ele não dará sua glória a outro. Dessa maneira, ele confere autoridade ao seu servo para fazer o que lhe apraz.

Algo também é dito a respeito do servo: é alguém que foi cuidado por Yahweh no passado, tal qual um pai cuida de seu filho pequeno.

Mais importante é o que é afirmado a respeito da missão do servo. Reafirma-se a sua tarefa de promover a justiça, mas agora esse trabalho é explicado em três frases: abrir os olhos aos cegos, fazer sair do calabouço o prisioneiro e da prisão os que habitam as trevas. Isso significa libertação aos que se encontram sob o jugo de estruturas sociopolíticas opressoras.

Tal explicação da missão do servo faz que a leitura do canto dos versículos 1-4 tenha que ser acompanhada pela leitura desse complemento. E, tendo lido as duas perícopes, ainda que rapidamente, perguntamos: quem é o servo?

3. Quem é o servo

Os estudos que envolvem os cantos do servo do Dêutero-Isaías se deparam com a questão acerca de quem é essa figura. Definir quem é o servo é essencial para o seu entendimento. Agora, tratamos dessa questão.

3.1. O rei servo

O uso da figura do servo levanta inquietações acerca de qual categoria de pessoa ele estava se referindo. Personagens do passado de Israel, como Moisés e Davi, profetas, serviçais da casa e funcionários da corte foram chamados de servo. Que tipo de servo o profeta anunciava?

A imposição do espírito de Yahweh sobre ele lembra a escolha de um líder tribal (Jz 3,10) ou de um rei (1Sm 16,13). O texto de Juízes 3,10 é particularmente interessante. Nele encontram-se três palavras relacionadas a Isaías 4,1-9. O Espírito de Yahweh vem sobre Otoniel, ele julga (da mesma raiz de *mishpath*) e sai (da mesma raiz *yatsah* de fazer sair v. 1,3 e 7) para a batalha. A tradição preservou muito do chamado dos líderes tribais na ascensão dos reis. Entre o que foi mantido estava a ideia da colocação do espírito de Yahweh sobre eles como forma de legitimação da sua autoridade junto ao povo. Isso nos leva a pensar no servo como uma figura semelhante aos reis, ou mais propriamente, aos líderes tribais de Israel.

Há ainda outros pontos a favor dessa proposta. Somente um rei ou governante tem poder para produzir justiça e executar as tarefas que o servo de Yahweh deve executar, segundo o texto. Também o convite de Yahweh – Eis meu servo (v. 1) – para que testemunhassem a designação do seu servo, lembra a cerimônia de coroação de um rei.

Esse rei, não se pode esquecer, não é uma pessoa, um indivíduo. É Israel, é o povo pobre e exilado.

3.2. Israel

Os vários estudos feitos em torno dos cantos do servo têm se deparado com uma importante questão: quem é o servo? A rigor, essa questão envolve esses textos desde muito antes de serem designados como tal e observados como perícopes relacionadas entre si, mesmo desde os tempos em que os escritos bíblicos ainda estavam sendo escritos (At 8,34). Basicamente, as variações estão em torno de uma interpretação como sendo um indivíduo (Jeremias, o próprio Dêutero-

-Isaías ou outro) ou um grupo. Os comentaristas, em geral, estão longe de alcançar um consenso. Já a teologia latino-americana tem feito uma opção pela leitura na qual o servo representa o povo de Israel.⁶

Essa leitura tem consistente fundamento literário e na história da interpretação desses poemas. Em primeiro lugar, deve-se considerar que o segundo canto explicitamente designa Israel como o servo de Yahweh. Essa designação é comum em textos do Dêutero-Isaías (p. ex.: 41,8-9; 44,21; 45,4 entre outros). Além disso, em 42,1, versículo que faz parte da perícope que tratamos, a LXX adiciona o nome Jacó após a palavra servo, e Israel após escolhido. Tais variantes não devem ser admitidas, pois não têm base em algum manuscrito hebraico mais antigo, mas testemunham uma interpretação coletiva feita em tempos remotos.

A leitura que o Novo Testamento faz dos cantos do servo aplicando-os a Jesus Cristo não invalida a interpretação coletiva, pois ele é apresentado como incorporando a missão que é dada ao povo.

Ao designar o servo como sendo Israel, é preciso especificar que Israel é esse.

3.3. *O Israel exilado*

Sem entrar nas discussões acerca da datação dos cantos do servo, assumimos que, mesmo não pertencendo ao Dêutero-Isaías, tais poemas pertencem ao período exílico, tendo sido incorporados ao livro por um discípulo próximo ao próprio profeta, que está em grande sintonia com a sua pregação.

Nesse contexto, o Israel que está no campo de visão do autor dos cantos é o Israel que está na Babilônia, o povo exilado. Esse é o mesmo público-alvo do Dêutero-Isaías.

Esse grupo era formado por alguns dos que foram levados cativos de Jerusalém e Judá por Nabucodonosor e, principalmente, seus descendentes. Na Babilônia, formaram colônias, tinham alguma liberdade de se reunir, plantar, comercializar e administrar seu grupo.⁷ Alguns

⁶ Veja: Carlos MESTERS. *A missão do povo que sofre*. Petrópolis, Vozes, 1981; J. Severino CROATTO. *Isaías – A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. II: 40-55. A libertação é possível*. Petrópolis/ São Leopoldo, Vozes/ Sinodal, 1998.

⁷ Tal condição não indica que os judaítas levados para a Babilônia viviam uma situação confortável. A perda de suas terras e casas na Palestina e de sua condição social, representava um grande prejuízo econômico, moral e social, além da falta de esperança que lhes trazia a sensação de que Yahweh os havia abandonado. Sobre as condições em que vivia Israel no exílio, veja: Rainer ALBERTZ. *A history of Israelite religion in the Old Testament. Vol. II: From the Exile to the Maccabees*. The Old Testament Library. Louisville, Westminster John Knox Press, 1994; Rainer KESSLER. *História social do Antigo Israel*. São Paulo, Paulinas, 2009.

prosperaram em seus negócios e outros ocuparam altos cargos no governo, enriquecendo. Mas a maioria continuava pobre.

As relações de parentescos são redefinidas em função da nova realidade que viviam. Eles também cultivavam marcas visíveis da sua identidade: a circuncisão, a guarda do sábado e a preservação da etnia pelo casamento entre judaítas.

Parecia aos exilados que, ou o Deus de Israel os havia abandonado, ou era mais fraco que os deuses dos dominadores, não podendo mudar a situação em que se encontravam. Sentiam-se atraídos a esquecer Yahweh e adorar os deuses dos dominadores. Com o passar do tempo, a permanência sob a dominação no estrangeiro, a morte dos que foram deportados e o surgimento das gerações nascidas no exílio, a dúvida e a tentação de abandonar a identidade judaica e o Javismo e assumir o culto aos deuses babilônicos tornava-se cada vez mais forte. Além da opressão econômica e social, os judaítas sofriam a grande ameaça de perda de sua identidade.

A religião javista não só lhes conferia identidade como também fomentava entre eles a resistência ao domínio babilônico.

4. O servo de Yahweh e os deuses da opressão

O primeiro canto do servo de Yahweh se dá no contexto da polêmica contra os outros deuses. Isso fica claro no versículo 8, embora este não pertença propriamente ao canto, mas sim ao detalhamento da missão. Como a ligação entre essas duas perícopes é muito forte, o contexto de uma se estende à outra. Ademais, a luta contra os falsos deuses, o monoteísmo, é parte importante da pregação do Dêutero-Isaías (Is 41,7.22-24; 42,17-19; 44.,6-21; 46.,1-2). Note-se que em algumas dessas passagens Israel é chamado por Yahweh de meu servo, o que reforça a ligação entre Isaías 42,1-4 e a questão dos ídolos.

A reivindicação de Yahweh de ser o único Deus tem base primeiramente (v. 5) no fato de que foi ele quem criou os céus e a terra, que deu vida a todos os viventes e também (v. 9), como em outras passagens do Dêutero-Isaías, essa reivindicação está baseada no argumento de que ele é o único que anunciou o que aconteceria e continua anunciando o que acontecerá (Is 41,26; 45,21).

As divindades babilônicas representavam dois grandes perigos. Por um lado, elas justificavam a conquista e opressão da Babilônia sobre Israel e as outras nações conquistadas. Os reis da Mesopotâ-

mia eram considerados os representantes dos deuses, por isso eram tidos como instrumentos para a execução da sua vontade. Se eles conquistaram os povos, tal era o plano divino. Os deuses babilônicos legitimavam a opressão.

Yahweh não é assim! Embora oriundo de tradição diferente, Gênesis 1,26-27 traz a ideia de que Deus criou todos os seres humanos iguais em dignidade perante ele, o que significa que ninguém é por ele legitimado na criação como dominador sobre outrem. Nem mesmo Israel.

A afirmação do poder de Yahweh como único Deus verdadeiro é um deslocamento do poder, que era percebido e entendido como pertencente ao império e aos seus deuses. Não se nega a força opressora da Babilônia, mas até esse poder está sob o governo de Yahweh.

Por outro lado, a possível conversão de judaítas ao culto babilônico significava o conformismo, a resignação à dominação. Confor- mismo pode evocar a perda da identidade a fim de se assemelhar ao dominador, a aceitação da existência de acordo com o status quo, a concordância com a opressão.

A proposta monoteísta tinha ainda outro aspecto contra a opres- são. Na religião babilônica, cada grupo humano tinha as suas próprias divindades, o que significava a separação desses grupos. Tal separação favorecia a dominação do império. Sendo Yahweh o único Deus, divini- dade de toda a humanidade, o seu culto poderia agrupar os grupos dominados, favorecendo a resistência.

A polêmica contra os outros deuses deve ser entendida, então, como resistência à opressão e a legitimação a ela que tais divindades promoviam.⁸ Essa resistência não era somente no campo ideológico, na questão da identidade. Ela se expressava concretamente através de uma palavra bem conhecida em Israel e Judá: justiça.

5. O servo de Yahweh, missão e resistência

O servo é Israel, o povo exilado e dominado pela Babilônia. Povo oprimido que buscava alternativas de resistência e sobrevivência em meio à crise. A esse servo, Yahweh confere uma missão especial: fazer sair a justiça.

⁸ Veja: Pablo RICHARD. Nossa luta é contra os ídolos. In: VVAA. *A luta dos deuses – os ídolos da opressão e a busca do Deus libertador*. São Paulo, Paulinas, 1982, p. 9-38.

5.1. Fazer sair a justiça

A tarefa do servo de Yahweh é produzir a *mishpath*, justiça. Isto fica claro pelo fato de que essa palavra aparece três vezes no canto (v. 1,3 e 4), além do sinônimo *tsedek*, direito no detalhamento da missão (v. 6). O substantivo *mishpath* é derivado da raiz *shapat*, cujo significado básico não é consensual. Sabe-se que ela pertence ao ambiente da administração civil e legal. No entanto, seu sentido básico não é tão importante, pois seja qual for, não faz justiça à gama de conotações que a palavra alcançou pelo uso.

Seu uso mais comum descreve a ação que restaura a ordem de um grupo ou comunidade que está perturbada de alguma forma. De certo modo, é a restauração da *shalom* que sofreu algum tipo de distúrbio. Isso implica ação contínua e constante, e não somente uma decisão ou um ato pontual.

Do uso do substantivo *mishpath* pode-se deduzir o seu sentido básico como o de executar o *shapat*. Também pode significar o resultado de um julgamento, uma decisão judicial, mas esse não é o sentido nesse texto. Aqui, sem dúvida, a missão do servo é promover a justiça, a restauração da paz entre aqueles em que ela estivesse prejudicada. Esse substantivo, mesmo traduzindo-o por justiça, cresceu em sentido e uso de modo que não pode ser limitado à esfera jurídica. É também o que é de direito de alguém, especialmente o pobre, aquilo que alguém tem o direito de reivindicar.

Junto à justiça e ao direito surgem no texto duas importantes tradições religiosas de Israel: a lei (v. 4) e a aliança (v. 6). Tais elementos fazem pensar que a justiça a que se refere o Dêutero-Isaías está enraizada nas tradições judaico-israelitas. Mas essas tradições não estão restritas aos que foram levados cativos para a Babilônia, nem mesmo ao povo de Judá e Israel. As ilhas (terras e povos distantes) esperam pela lei e a aliança com o povo está relacionada a ser luz para as nações estrangeiras. A luz era um símbolo de libertação na realidade política e social. Assim, todos os povos são objeto da missão do servo. Entre eles também se produzirá justiça.

5.2. Justiça e libertação

O canto do servo descreve a missão apenas como fazer sair a justiça, mas sem tornar claro o que isso significa. Na segunda perícope, essa tarefa se apresenta mais claramente: trata-se de abrir os olhos aos cegos, fazer sair do calabouço o prisioneiro e da prisão os que habitam as trevas (v. 7).

O paralelo de imagens entre os cegos da primeira frase e os que habitam nas trevas da terceira encerra as três num mesmo contexto, um contexto de libertação sociopolítica, quebra da opressão concreta em que viviam os exilados de Israel e Judá e ainda outros povos dominados. Como frase central nesse paralelo entre as três afirmações, *fazer sair do calabouço o prisioneiro* é a ideia central dessa tríade. Não se deve pensar, no entanto, que a missão do servo está ligada apenas à soltura de encarcerados. Ela é uma metáfora para a libertação de pessoas e povos que se encontram dominados, encarcerados por todo o tipo de prisão, sejam as estruturas econômicas, sejam as forças militares, os domínios políticos, as ideologias, os fundamentalismos religiosos etc.

O verbo *yatsah* é usado para designar a ação de tirar o encarcerado da prisão. É o mesmo verbo empregado para explicar a missão do servo de fazer sair (produzir) justiça. Esse verbo não só é utilizado aqui tendo justiça como objeto. Entre outros usos, ele é muito empregado no contexto da guerra, com o sentido de ir para o confronto. Tal relação reforça a ideia de que a missão é produzir libertação à semelhança dos antigos líderes tribais. Embora haja uma relação entre o verbo *yatsah* usado nesse texto para a tarefa de promover a justiça e a atuação dos líderes tribais na guerra, a missão do servo apresenta uma expressiva diferença em relação aos antigos guerreiros de Israel.

5.3. Missão em paz

Ao descrever a atuação do servo, o profeta em nome de Yahweh caracteriza a sua missão nos versículos 2-3.

Cada um dos versículos descreve uma característica da atuação do servo. O versículo 2 enfatiza que o servo não usará de voz alta, não gritará. Esse aspecto remete à imagem dos arautos que eram representantes dos reis e que proclamavam em alta voz as suas ordens e leis nas ruas e praças das cidades e vilas camponesas para que todos ouvissem e ficassem sujeitos a elas. Era uma forma de impor a sua autoridade, demonstrar a sua força. Ao afirmar que o seu servo não iria gritar, nem usar de voz alta nas ruas e praças, Yahweh está afirmando que sua autoridade será reconhecida de outras formas e não das que os reis e governantes usavam.

No versículo 3 são usadas duas imagens que sugerem situações de fraqueza extrema: a cana quebrada e o pavio que fuma. Essas imagens representam aqueles que eram vítimas da opressão. Os dominadores se aproveitam da fraqueza para impor seus interesses e extorquir

suas vítimas. Eles empregam todo e qualquer tipo de violência para estabelecer e manter seu poder. O servo não agirá assim. Ele não se aproveitará da fragilidade das vítimas e nem intensificará sua dor. Ele não oprimirá ainda mais aqueles que sofrem os efeitos da exploração.

Essas afirmações destacam que a missão do servo não seguirá os padrões vigentes entre os opressores. Embora ele seja anunciado na forma em que um rei era proclamado, ele não seguirá os mesmos caminhos que os dominadores seguiam e seguem até hoje. Ele não se imporá pela força e nem oprimirá ainda mais os que já sofrem, em verdade, fielmente, fará sair a justiça.

Como já foi afirmado, e que também se pode deduzir das características da atuação do servo, fazer sair a justiça é construir a paz. A palavra *tsedakah*, juízo, é constantemente utilizada em paralelo com *mishpath*, justiça. Inclusive no versículo 6 aparece uma de suas variantes *tsedek*. Pois em diversos textos do Antigo Testamento *tsedakah* é usada em algum tipo de relação com *shalom*, paz (p. ex.: Sl 72,3; 85,10; Is 32,17). Essa conexão entre as palavras demonstra a íntima relação entre justiça e paz. Portanto, ao produzir a justiça, ao fazer sair os cativos da prisão, ao promover libertação, a atividade do servo não só será pacífica como será também promotora da paz entre outros povos.

5.4. Justiça a Israel e aos povos

Não é suficiente para o servo promover a justiça e a paz somente para Israel. É necessário que justiça e paz se estendam a todos os povos. Essa intenção fica clara em diversas expressões pelo texto: justiça às nações fará sair (v. 1), sua lei as ilhas esperarão (v. 4), te dei para aliança do povo, e luz das nações (ambas no v. 6). Nas duas perícopes é usada a palavra *goyim*, nações, para se referir a quem se destina a justiça e a paz produzidas pelo servo. Essa palavra geralmente está associada aos povos estrangeiros, ao contrário de *'am*, normalmente mais utilizada para Israel e Judá. Embora, muitas vezes, as duas se apresentem em paralelo uma da outra, o uso do vocábulo ilhas, para se referir a lugares distantes, não deixa dúvidas de que se trata também dos chamados povos estrangeiros.

Um aspecto da pregação do Dêutero-Isaías presente nos cantos do servo fortalece essa posição. Esses poemas estão no contexto da luta contra outros deuses, os deuses que justificam a opressão. No complemento desse canto, Yahweh afirma categoricamente que sua glória não daria a outro (v. 8). Esse Yahweh é o Deus que proclama a justiça e a

paz. Se ele é o único Deus que governa sobre todas as nações, a missão do seu servo não pode estar restrita somente a um povo, Israel.⁹

No pensamento hebraico, justiça e paz são práticas comunitárias e não individuais. Se Deus é Deus sobre todos, ele também envia seu servo a todos para libertar a todos os cativos e fazer sair a justiça e a paz a todos.

Não se trata de um envio missionário no sentido religioso, da simples pregação de uma divindade, mas do entendimento de que não há justiça e paz em somente um grupo ou em uma localidade. Não há paz na América Latina se não há justiça na África, não há paz na Europa se não há justiça na Ásia. O servo tem como atribuição fazer sair a sua justiça até as nações e as ilhas distantes.

Igualmente, não se pode defender as políticas intervencionistas em nome da justiça, pois tais ações promovem os interesses dos dominadores e não o respeito às populações locais. Até porque as nações poderosas usam de força e violência para impor a sua justiça e o servo não esmagará a cana quebrada e nem apagará o pavio que fumeja.

5.5. Inconformismo e resistência

O exílio na Babilônia acarretava grandes perigos para o povo de Israel desterrado para a Mesopotâmia e outras regiões do império. A opressão, a falta de perspectivas e esperanças, a ideologia do dominador e seus aparelhos, entre os quais a religião, tentavam impor o conformismo como forma de harmonia e segurança dentro desse contexto. Isso significava a concordância com a dominação.

O conformismo é uma forma de defesa contra os poderes que ameaçam, como se o tornar-se semelhante ou resignar-se a eles trouxesse estabilidade, segurança. Estar de acordo com o status quo, não se indispor contra as injustiças promovidas pelos detentores do poder ou ignorá-las, se omitindo diante do abuso é, no mínimo, a fuga do perigo, a busca pela tranquilidade, ainda que seja só aparente.

⁹ Croatto nega a possibilidade de uma leitura missionária dos cantos do servo dirigida a outros povos. De fato, esses textos foram e continuam sendo utilizados por grupos cristãos para o incentivo ao proselitismo. Porém, não é essa a nossa perspectiva. Tratamos aqui a missão do servo não como a difusão de uma religião ou divindade, mas como também o próprio Croatto entende, na promoção da justiça e da libertação. E esta não pode estar restrita a apenas um povo, antes tem que ser difundida entre todos. A libertação liberta tanto o oprimido quanto o opressor, promove justiça tanto para com a vítima quanto para com o algoz. Veja: J. Severino CROATTO. Op. Cit., p. 69 e 73.

A reação violenta representava um grande perigo diante da força do império. E mesmo em caso de uma improvável vitória, não levaria a outro resultado que não fosse a criação de outro poder dominante, outra força opressora. O problema da opressão é a opressão em si mesma e não quem esteja exercendo a dominação.

A proposta levantada no canto do servo não é a superação da dominação babilônica e criação de uma hegemonia judaico-israelita. O servo não fará como os impérios, ele não gritará suas ordens para que seja ouvido, nem oprimirá mais ainda quem já está sob a tirania dos podres poderes vigentes. A sua resistência não é contra o império babilônico, mas contra todo tipo de poder que explora.

A missão do servo é não permitir o conformismo e a resignação, mas promover a resistência contra a dominação violenta. Uma resistência que não caia no mesmo erro, criando outro poder hegemônico, outro agente da violência. Resistir promovendo justiça e paz entre todos os povos.

Conclusão

Os poderes dominantes tentam impor não somente a sua exploração econômica como também a sua forma de vida, os seus ídolos, como legitimadores da opressão. Não basta extorquir as riquezas, é preciso também conformar os dominados para que eles se acomodem, resignem-se e aceitem a situação como se fosse natural. Nesse processo, tentam excluir tudo e todos que não são semelhantes aos seus modelos, que não estão de acordo com seus padrões (nacionalidade, cor da pele, identidade de gênero, religião, expressão cultural etc.). O diferente causa medo e insegurança, mesmo em quem detém o poder, pois ameaça a ordem estabelecida. Ele significa desordem dentro da falsa harmonia, da falsa paz proposta pelo dominante.

Os dominadores tentam instituir um padrão de normatividade e, a partir dele, exercer controle que garanta a manutenção da sua força. Impõem as suas leis, formas de vida e cultura, e afirmam que o resultado do controle instituído é a verdade natural. Sob esse manto de poder, articulam-se setores de resistência que propõem outros mundos, outras formas de articular a realidade.

Conformar-se, aceitando as regras impostas pelos detentores do poder ou daqueles que com eles compactuam, negando-se a confrontar as situações de injustiça por eles promovidas, legitima a opressão e

pode promover ainda mais violência. De modo semelhante a resignação, sentir-se ou fazer se sentir impotente diante da força é o que pretendem aqueles que a exercem.

O profeta no exílio babilônico propõe a resistência à opressão como alternativa. A forma de resistência proposta não é a da retribuição da violência, nem a da tentativa de impor um novo poder hegemônico. O problema não é quem domina, mas a dominação em si.

O Dêutero-Isaías afirma que Yahweh é o único Deus e, diferente dos ídolos que legitimam a opressão, ele envia seu servo, o seu povo, para resistir frente ao domínio exercido pelo império.

A resistência proposta pelo Dêutero-Isaías se dá pela promoção da justiça e da paz. Justiça e paz que são contra e não permitem a convivência com outro tipo de exploração do ser humano, de marginalização de qualquer pessoa apenas pelo fato de não se adaptar ou enquadrar nas normas impostas. Justiça e paz que devem ser levadas a todos os povos, pois elas não são privilégio de um grupo, nem passíveis de serem experimentadas somente por parte da humanidade.

Ao reler os Cantos do Servo a partir de Jesus, a Igreja do primeiro século se entendeu também como sendo chamada por Yahweh para fazer sair a justiça sem quebrar a cana esmagada, nem apagar o pavio que fuma. Ela entendeu também como sendo chamada a resistir aos poderes dominantes de seu tempo por meio da promoção da justiça e paz para toda a humanidade.

Bibliografia

ALBERTZ, R. ***A history of Israelite religion in the Old Testament. Vol. II: From the Exile to the Maccabees. The Old Testament Library.*** Louisville, Westminster: John Knox Press, 1994.

ALMEIDA, P.E. **Relações internacionais e narrativa de direitos humanos.** In: VV.AA. *Ciências sociais na atualidade: resistência e invenção.* São Paulo: Paulus, 2004.

BALTZER, K. **Deutero-Isaiah. Hermeneia.** Minneapolis: Fortress Press, 2001.

CROATTO, J. **Isaías – A palavra profética e sua releitura hermenêutica.** Vol. II: 40-55. *A libertação é possível.* Petrópolis/ São Leopoldo: Vozes/ Sinodal, 1998.

DA COSTA, M.R. **Repensar a violência: resistir para não cair na conformidade.** In: VV.AA., *Ciências sociais na atualidade: resistência e invenção.* São Paulo: Paulus, 2004.

- HANSON, P.D. **Isaiah 40-66. Interpretation.** Louisville: John Knox Press, 1995.
- KESSLER, R. **História social do Antigo Israel.** São Paulo: Paulinas, 2004.
- MESTERS, C. **A missão do povo que sofre.** Petrópolis: Vozes, 1981.
- PORTIER-YOUNG, A. **Apocalypse against empire: theologies of resistance in early Judaism.** Eerdmans: Grand Rapids, 2011.
- RICHARD, P. **Nossa luta é contra os ídolos.** In: VV.AA, *A luta dos deuses – os ídolos da opressão e a busca do Deus libertador.* São Paulo: Paulinas, 1982.
- WESTERMANN, C. **Isaiah 40-66.** *The Old Testament Library.* Philadelphia: Westminster, 1969.
- WHYBRAY, R. **Isaiah 40-66.** *The New Century Bible Commentary.* Grand Rapids, Wm. : Eerdmans, 1981.